



IMPACTO DO POSICIONAMENTO MANDIBULAR NA AGRADABILIDADE DA FACE

IMPACT OF MANDIBULAR POSITIONING ON FACIAL ATTRACTIVENESS

Giovanna Isabelle Campelo de HOLANDA

Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA)

E-mail: holandaaisabelle@hotmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0006-2782-9531>

262

Gustavo Anizio Uchoa de LIMA

Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA)

E-mail: gaul71.gl@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0007-5733-8925>

Neusa Barros Dantas NETA

Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA)

E-mail: nbdn2@msn.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7127-1463>

Gregório Antônio Soares MARTINS

Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA)

E-mail: greg-martins@hotmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7012-0831>

RESUMO

Tema: Impacto do posicionamento mandibular na agradabilidade da face. **Objetivo:** Avaliar a influência do posicionamento mandibular na percepção estética facial de indivíduos do sexo masculino e feminino, comparando a agradabilidade facial atribuída por diferentes grupos de avaliadores. **Metodologia:** Estudo clínico do tipo observacional, que investigou a influência do posicionamento mandibular na estética facial. O estudo envolveu dois participantes com relação esquelética Classe I. A coleta de dados incluiu exames clínicos, análises fotográficas, scanner facial e tomografia. As fotografias foram manipuladas no software Dolphin Imaging System, permitindo uma análise detalhada das proporções faciais e possíveis assimetrias. A amostra contou com 50 avaliadores, entre profissionais da área da saúde e leigos, que analisaram as

imagens em uma escala de agradabilidade facial. Os dados foram analisados estatisticamente por meio do programa SPSS, seguindo todas as diretrizes éticas e assegurando a confidencialidade dos participantes. **Principais resultados:** Houve diferença significativa na percepção estética entre os grupos para os perfis faciais intermediários ($p < 0,05$), mas não para os extremos, indicando maior concordância em casos mais evidentes. Cirurgiões-dentistas foram mais críticos, enquanto leigos demonstraram avaliações mais positivas. A posição mandibular foi considerada o principal fator estético por 67,6% dos profissionais, e todos relataram que a estética facial influencia o plano de tratamento. **Conclusão:** Os achados reforçam que o posicionamento mandibular influencia a percepção estética da face masculina e feminina e que essa avaliação é modulada pela experiência clínica e formação acadêmica, revelando distinções entre o olhar técnico e o leigo sobre a harmonia facial.

Palavras-chave: Cirurgia ortognática. Má oclusão classe III de Angle. Má oclusão classe II de Angle. Assimetria facial. Ortodontia corretiva.

ABSTRACT

Topic: Impact of mandibular positioning on facial attractiveness. **Objective:** To evaluate the influence of mandibular positioning on the facial aesthetic perception of male and female individuals, comparing the facial attractiveness attributed by different groups of evaluators. **Methodology:** Observational clinical study investigating the influence of mandibular positioning on facial aesthetics. The study involved two participants with Class I skeletal relationship. Data collection included clinical examinations, photographic analysis, facial scanning, and tomography. The photographs were manipulated using Dolphin Imaging System software, allowing for a detailed analysis of facial proportions and possible asymmetries. The sample consisted of 50 evaluators, including healthcare professionals and laypersons, who analyzed the images on a facial attractiveness scale. The data were statistically analyzed using SPSS software, following all ethical guidelines and ensuring participant confidentiality. **Main results:** There was a significant difference in aesthetic perception between the groups for intermediate facial profiles ($p < 0.05$),

but not for extreme profiles, indicating greater agreement in more evident cases. Dentists were more critical, while laypeople showed more positive evaluations. Mandibular position was considered the main aesthetic factor by 67.6% of professionals, and all reported that facial aesthetics influence the treatment plan. **Conclusion:** The findings reinforce that mandibular positioning influences the aesthetic perception of the male and female face and that this evaluation is modulated by clinical experience and academic training, revealing distinctions between the technical and layperson's view of facial harmony.

264

Keywords: Orthognathic surgery. Angle Class III malocclusion. Angle Class II malocclusion. Facial asymmetry. Corrective orthodontics.

INTRODUÇÃO

A face é o principal determinante da aparência física, sendo a posição mediana, o dimorfismo sexual, a juventude e a simetria os fatores mais relevantes da atratividade, além da importância do sorriso na estética facial (Kaya et al, 2019). Pacientes submetidos ao tratamento ortodôntico tendem a apresentar melhora na autoimagem, motivados muitas vezes pelo desconforto com a aparência e o sorriso.

Enquanto os pacientes buscam aperfeiçoar a estética, os ortodontistas baseiam o tratamento em desvios anatômicos entre dentição, esqueleto e tecidos moles (Reis et al, 2006). O terço inferior da face é essencial para o diagnóstico e o planejamento de deformidades dentofaciais, pois alterações mandibulares nos planos vertical, transversal e anteroposterior afetam diretamente a harmonia facial (Arnett; McLaughlin et al, 2004; Obwegeser et al, 2007).

A classificação do padrão é realizada pela avaliação da face nas visões frontal e lateral. Os indivíduos podem ser classificados como Padrão I, II, III, Face longa ou Face curta. O padrão I é identificado pela normalidade facial. A má oclusão quando presente é apenas dentária não associada a qualquer discrepancia esquelética sagital ou vertical. Os padrões II e III são caracterizados pelo degrau sagital respectivamente positivo e negativo entre a maxila e a mandíbula. Nos padrões face longa e face curta a discrepancia é vertical. Nos pacientes com erros esqueléticos, as más oclusões são geralmente consequentes dessas discrepancias (Reis et al, 2006).

Pacientes com má oclusão esquelética podem sofrer impactos funcionais, emocionais e sociais, e a decisão cirúrgica depende da percepção individual sobre a deformidade (Marquezan et al, 2023). Assim, compreender as características faciais de cada grupo étnico é essencial para um diagnóstico preciso e tratamento personalizado (Santos et al, 2018). Por fim, a estética é um aspecto central do tratamento ortodôntico moderno, exigindo alinhamento entre as expectativas do paciente e o planejamento profissional (Saldanha et al, 2016).

OBJETIVOS

265

Objetivo Geral

Avaliar a influência do posicionamento mandibular na percepção estética facial de indivíduos do sexo masculino e feminino, comparando a agradabilidade facial atribuída por diferentes grupos de avaliadores.

Objetivos Específicos

- 1) Analisar a diferença de percepção estética entre os grupos de avaliadores: leigos, cirurgiões-dentistas, ortodontistas, cirurgiões bucomaxilofaciais e estudantes de Odontologia;
- 2) Verificar se há diferenças estatisticamente significativas entre essas percepções conforme o nível de formação e experiência profissional

METODOLOGIA

O presente estudo foi um estudo clínico de natureza descritiva e quantitativa, desenvolvido na Clínica-Escola Carolina Freitas Lira, vinculada ao Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA), em Teresina-PI. Teve como objetivo investigar o impacto do posicionamento mandibular na agradabilidade facial, identificando qual tipo de perfil era considerado mais esteticamente agradável e avaliando a importância da manipulação facial digital como ferramenta preditiva e demonstrativa para o paciente.

Trata-se de um estudo experimental, no qual foram manipuladas digitalmente imagens faciais para avaliar a percepção estética de diferentes posições mandibulares. Foram selecionados dois participantes, um do sexo masculino e outro

do sexo feminino, ambos apresentando harmonia facial e adequada definição mandibular e mentoniana, além de relação esquelética de Classe I.

As fotografias padronizadas em perfil foram obtidas juntamente com uma telerradiografia lateral e exames radiográficos complementares. As imagens foram convertidas para escala de cinza a fim de minimizar possíveis vieses relacionados à coloração da pele, cabelo ou outras características pigmentares. Em seguida, foram importadas para o software Dolphin Imaging®, utilizado para planejamento ortodôntico e cirúrgico. Nesse programa, realizou-se a manipulação digital da posição mandibular em incrementos de -3mm -4,5mm -6mm 0 + 3 +4,5m +6mm, tanto no sentido anterior quanto posterior, resultando em sete variações da imagem original, três com a mandíbula projetada para trás, três para frente e uma imagem inalterada.

As sete imagens de cada participante foram apresentadas a cinco grupos distintos de avaliadores, compostos por 10 indivíduos cada, sendo: leigos, acadêmicos de Odontologia, cirurgiões-dentistas, cirurgiões bucomaxilofaciais e ortodontistas. Os avaliadores analisaram as imagens de forma sequencial e classificaram-nas em ordem crescente de agradabilidade estética, da menos harmoniosa à mais agradável.

Foram incluídos na pesquisa apenas participantes que aceitaram se submeter a exames clínicos detalhados, permitindo a coleta de fotografias intrabucais, extrabucais e tomografia facial, além daqueles que apresentaram características anatômicas compatíveis para análise digital no software Dolphin Imaging System. Foram excluídos os indivíduos que não permitiram a realização de exames ou coleta de imagens, que apresentaram anatomia facial inadequada para o software utilizado, ou que não possuíam relação esquelética de Classe I.

Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual constavam os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, além da garantia de confidencialidade e voluntariedade. O estudo foi conduzido em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e com a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018), assegurando o sigilo das informações pessoais. O início da pesquisa ocorreu somente após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do UNIFSA e submissão à Plataforma Brasil.

Os dados obtidos foram analisados por meio do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 20.0. Foi realizada uma análise descritiva das variáveis sociodemográficas, apresentando frequências absolutas e relativas (%) para variáveis categóricas, como sexo, faixa etária, escolaridade e área de atuação.

A associação entre os grupos de avaliadores e as categorias de percepção estética facial (muito desagradável/desagradável; um pouco desagradável/neutro/um pouco agradável; agradável/muito agradável) foi verificada pelo teste de McNemar, adequado para variáveis qualitativas pareadas. Além disso, o teste de tendência linear foi utilizado para verificar a associação entre os fatores relacionados ao posicionamento mandibular e o grupo de avaliadores, adotando-se um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

Os resultados foram apresentados em tabelas, destacando-se os valores de p e as diferenças estatisticamente significativas entre os grupos avaliadores. O estudo respeitou todos os princípios éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, incluindo respeito à dignidade, confidencialidade dos dados, não maleficência e direito à desistência a qualquer momento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 50 avaliadores, sendo 52% do sexo masculino ($n=26$) e 48% do sexo feminino ($n=24$). A maioria dos participantes estava na faixa etária de 18 a 39 anos (80%). Quanto ao nível de escolaridade, observou-se predominância de indivíduos com pós-graduação (68%), seguidos por ensino superior incompleto (16%). Em relação à área de atuação, os participantes distribuíram-se de forma equilibrada entre os grupos de ortodontistas (20%), cirurgiões bucomaxilofaciais (20%), cirurgiões-dentistas (20%), estudantes de Odontologia (20%) e leigos - sem atuação odontológica (20%) (Tabela 1).

Tabela 1: Análise descritiva do perfil sociodemográficos dos participantes da pesquisa. Teresina (PI), 2025.

	n	%
Sexo		
Feminino	24	48,0
Masculino	26	52,0
Faixa etária		
Jovens e adultos: 18 a 39 anos	40	80,0
Adultos (meia-idade): 40 a 59 anos	9	18,0
Adultos (meia-idade): 40 a 59 anos	1	2,0
ESCOLARIDADE		
Ensino Médio	2	4,0
Ensino Superior Incompleto	8	16,0
Ensino Superior Completo	6	12,0
Pós-Graduação	34	68,0
ATUAÇÃO		
Ortodontista	10	20,0
Bucomaxilofacial	10	20,0
Cirurgião-dentista	10	20,0
Estudante	10	20,0
Nenhuma	10	20,0
Total	50	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A Tabela 2 apresenta a associação entre a percepção estética facial e o grupo de avaliadores (leigos, cirurgiões-dentistas e estudantes de Odontologia) para os diferentes perfis faciais masculinos. Observou-se que, nos perfis 1 a 5, houve diferença estatisticamente significativa ($p < 0,001$) entre os grupos quanto à agradabilidade facial percebida, indicando que a avaliação estética variou conforme a formação e experiência dos avaliadores.

De modo geral, os cirurgiões-dentistas concentraram a maior proporção de respostas nas categorias “muito desagradável/desagradável” e “um pouco desagradável/neutro/um pouco agradável”, enquanto os leigos tenderam a apresentar respostas mais equilibradas ou positivas em alguns perfis. Os estudantes de Odontologia, por sua vez, mostraram um padrão intermediário entre os dois grupos profissionais, oscilando conforme o perfil avaliado.

Para os perfis 6 e 7, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas ($p = 0,122$ e $p = 0,184$, respectivamente), sugerindo maior concordância entre os grupos avaliadores quanto à agradabilidade facial nesses casos.

Tabela 2: Associação da percepção estética facial de homens entre leigos, cirurgiões-dentistas e estudantes de Odontologia. Teresina (PI), 2025.

	Atuação			Total	Valor de p*
	Cirurgião-dentista	Estudante	Leigo		
Perfil 1 masculino					
Muito desagradável/ desagradável	4 (66,7)	0 (0,0)	2 (33,3)	6 (100,0)	<0,001
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	24 (57,1)	10 (23,8)	8 (19,0)	42 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	2 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (100,0)	
Perfil 2 masculino					
Muito desagradável/ desagradável	5 (83,3)	1 (16,7)	0 (0,0)	6 (100,0)	<0,001
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	22 (62,9)	6 (17,1)	7 (20,0)	35 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	3 (33,3)	3 (33,3)	3 (33,3)	9 (100,0)	
Perfil 3 masculino					
Muito desagradável/ desagradável	2 (50,0)	1 (25,0)	1 (25,0)	4 (100,0)	<0,001
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	25 (62,5)	9 (22,5)	6 (15,0)	40 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	3 (50,0)	0 (0,0)	3 (50,0)	6 (100,0)	
Perfil 4 masculino					
Muito desagradável/ desagradável	1 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (100,0)	<0,001
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	11 (52,4)	5 (23,8)	5 (23,8)	21 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	18 (64,3)	5 (17,9)	5 (17,9)	28 (100,0)	
Perfil 5 masculino					
Muito desagradável/ desagradável	4 (80,0)	0 (0,0)	1 (20,0)	5 (100,0)	<0,001
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	4 (50,0)	2 (25,0)	2 (25,0)	8 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	22 (59,5)	8 (21,6)	7 (18,9)	37 (100,0)	
Perfil 6 masculino					
Muito desagradável/ desagradável	23 (59,0)	7 (17,9)	9 (23,1)	39 (100,0)	0,122
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	5 (55,6)	3 (33,3)	1 (11,1)	9 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	2 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (100,0)	
Perfil 7 masculino					
Muito desagradável/ desagradável	20 (58,8)	7 (20,6)	7 (20,6)	34 (100,0)	0,184
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	8 (61,5)	3 (23,1)	2 (15,4)	13 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	2 (66,7)	0 (0,0)	1 (33,3)	3 (100,0)	
Total	30 (60,0)	10 (20,0)	10 (20,0)	50 (100,0)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2025. *Teste de McNemar.

A Tabela 3 apresenta a associação entre a percepção estética facial feminina e o grupo de avaliadores (leigos, cirurgiões-dentistas e estudantes de Odontologia). Verificou-se que, para os perfis 1, 2, 3, 4 e 5, houve diferença estatisticamente significativa entre as percepções dos grupos ($p < 0,05$), indicando que o julgamento

da agradabilidade facial variou conforme o nível de formação e experiência profissional dos avaliadores.

De modo geral, os cirurgiões-dentistas mostraram maior concentração de respostas nas categorias “muito desagradável/desagradável” e “um pouco desagradável/neutro/um pouco agradável”, sugerindo um olhar mais crítico em relação às proporções faciais femininas. Já os leigos tenderam a atribuir maiores índices de agradabilidade facial, enquanto os estudantes de Odontologia apresentaram um comportamento intermediário entre os dois grupos, refletindo uma percepção em processo de formação.

Nos perfis 6 e 7, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas ($p = 0,051$ e $p = 0,134$, respectivamente), sugerindo maior concordância entre os avaliadores quanto à agradabilidade facial nesses casos.

Tabela 3: Associação da percepção estética facial de mulheres entre leigos, cirurgiões-dentistas e estudantes de Odontologia. Teresina (PI), 2025.

	Atuação			Total	Valor de p*
	Cirurgião-dentista	Estudante	Leigo		
Perfil 1 feminino					
Muito desagradável/desagradável	1 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (100,0)	
Um pouco desagradável/neutro/ um pouco agradável	22 (61,1)	7 (19,4)	7 (19,4)	36 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	7 (53,8)	3 (23,1)	7 (23,1)	13 (100,0)	
Perfil 2 feminino					
Muito desagradável/desagradável	3 (60,0)	1 (20,0)	1 (20,0)	5 (100,0)	
Um pouco desagradável/neutro/ um pouco agradável	23 (62,2)	8 (21,6)	6 (16,2)	37 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	4 (50,0)	1 (12,5)	3 (37,5)	8 (100,0)	
Perfil 3 feminino					
Muito desagradável/desagradável	6 (40,00)	4 (26,7)	5 (33,3)	15 (100,0)	
Um pouco desagradável/neutro/ um pouco agradável	15 (65,2)	4 (17,4)	4 (17,4)	23 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	9 (75,0)	2 (16,7)	1 (8,3)	12 (100,0)	
Perfil 4 feminino					
Muito desagradável/desagradável	1 (50,0)	1 (50,0)	0 (0,0)	2 (100,0)	
Um pouco desagradável/neutro/ um pouco agradável	6 (46,2)	4 (30,8)	3 (23,1)	13 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	23 (65,7)	5 (14,3)	7 (20,0)	35 (100,0)	
Perfil 5 feminino					

Muito desagradável/ desagradável	9 (52,9)	4 (23,5)	4 (23,5)	17 (100,0)	
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	19 (63,3)	6 (20,0)	5 (16,7)	30 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	2 (66,7)	0 (0,0)	1 (33,3)	3 (100,0)	
Perfil 6 feminino					0,051
Muito desagradável/ desagradável	22 (53,7)	9 (22,0)	10 (24,4)	41 (100,0)	
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	6 (85,7)	1 (14,3)	0 (0,0)	7 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	2 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (100,0)	
Perfil 7 feminino					0,134
Muito desagradável/ desagradável	20 (51,3)	9 (23,1)	10 (25,6)	39 (100,0)	
Um pouco desagradável/ neutro/ um pouco agradável	7 (87,5)	1 (12,5)	0 (0,0)	13 (100,0)	
Agradável/ muito agradável	3 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (100,0)	
Total	30 (60,0)	10 (20,0)	10 (20,0)	50 (100,0)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2025. *Teste de McNemar.

271

A Tabela 4 apresenta a associação entre variáveis relacionadas ao posicionamento mandibular e a percepção estética facial conforme o grupo de avaliadores (cirurgiões-dentistas, estudantes de Odontologia e leigos). Observou-se diferença estatisticamente significativa quanto ao fator considerado dominante para o perfil facial ($p = 0,039$). Os cirurgiões-dentistas atribuíram maior importância à posição mandibular (67,6%) como determinante estética, enquanto os leigos destacaram o queixo (44,4%) como principal fator. Já os estudantes de Odontologia apresentaram respostas mais distribuídas entre as categorias analisadas.

Em relação às variações perceptíveis pelo leigo, houve diferença altamente significativa ($p < 0,001$), indicando que os cirurgiões-dentistas foram os que mais reconheceram alterações perceptíveis na estética facial, enquanto estudantes e leigos demonstraram maior indecisão ou não responderam.

Quanto à percepção de que a estética facial facilita a determinação do tratamento, também se observou diferença estatisticamente significativa ($p = 0,001$). Todos os cirurgiões-dentistas (100%) afirmaram que a estética frequentemente ou às vezes determina o plano de tratamento, ao passo que estudantes e leigos não apresentaram consenso, com metade não respondendo à questão.

Tabela 4: Associação entre fatores relacionados ao posicionamento mandibular e a percepção estética facial segundo o grupo de avaliadores. Teresina (PI), 2025.

	Atuação			Total	Valor de p*
	Cirurgião-dentista	Estudante	Leigo		
Posicionamento da mandíbula					
Sim	30 (60,0)	10 (20,0)	10 (20,0)	50 (100,0)	
Fator dominante para perfil					
Queixo	2 (22,2)	3 (33,3)	4 (44,4)		0,039
Posição mandibular	25 (67,6)	7 (18,9)	5 (13,5)		
Lábios	2 (66,7)	0 (0,0)	1 (33,3)		
Nariz	1 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)		
Variações perceptíveis pelo leigo					
Sim	4 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	4 (100,0)	
Não	17 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	17 (100,0)	
Depende	9 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	9 (100,0)	
Não respondeu	0 (0,0)	10 (50,0)	10 (50,0)	20 (20,0)	
Estética facilmente determina o tratamento					
Sim, frequentemente	25 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	25 (100,0)	
Sim, às vezes	5 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	5 (100,0)	
Não respondeu	0 (0,0)	10 (50,0)	10 (50,0)	20 (20,0)	
Total	30 (60,0)	10 (20,0)	10 (20,0)	50 (100,0)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2025. *Teste de Tendência Linear.

Os resultados da presente pesquisa evidenciaram que os avaliadores profissionais apresentaram uma postura mais crítica quanto à agradabilidade facial em comparação aos leigos, refletindo achados semelhantes na literatura, na qual dentistas e ortodontistas detectam discrepâncias estéticas que leigos tendem a não perceber (Malik et al, 2022).

Verificou-se que nos perfis faciais masculinos e femininos 1 a 5 houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos de avaliadores ($p < 0,05$), enquanto nos perfis extremos (6 e 7) não houve tal diferença ($p = 0,122$ e $p = 0,184$ para masculino; $p = 0,051$ e $p = 0,134$ para feminino), o que sugere maior concordância em casos de alterações mais evidentes ou mínimos desvios.

Além disso, o fator “posição mandibular” foi considerado dominante para a estética facial por 67,6% dos cirurgiões-dentistas, comparado com 13,5% dos leigos ($p = 0,039$), denotando distinta hierarquia de critérios entre os grupos. Em relação à percepção de que estética facial influencia o plano de tratamento, todos os cirurgiões-

dentistas responderam que “frequentemente ou às vezes” assim era ($p = 0,001$), enquanto estudantes e leigos apresentaram maior indecisão ou não responderam.

Tais achados corroboram estudos que demonstram diferenças entre profissionais e leigos em avaliação estética, por exemplo, profissionais mostraram maior sensibilidade a alterações menores em programas de imagens digitais (Kokich et al, 2006).

Em síntese, os dados reforçam que, embora exista alguma convergência de opinião entre avaliadores em casos extremos, há distinção relevante nas percepções estéticas conforme formação e experiência, o que implica que o planejamento ortodôntico/ortognático deve integrar tanto a visão técnica quanto a expectativa do paciente.

Estudos recentes corroboram essa tendência de divergência perceptiva. De acordo com Lin et al. (2023), ortodontistas tendem a valorizar proporções faciais harmônicas e alinhamentos sutis entre estruturas anatômicas, enquanto leigos priorizam a atratividade global e características mais evidentes, como o sorriso e o perfil labial. Essa diferença de foco reflete não apenas o treinamento técnico dos profissionais, mas também aspectos socioculturais que moldam a percepção estética. Além disso, Costa et al. (2022) observaram que a experiência clínica influencia diretamente o julgamento da estética facial, sendo que profissionais com maior tempo de prática apresentam avaliações mais consistentes e menos suscetíveis a vieses subjetivos.

Pesquisas também têm apontado que a percepção estética pode variar de acordo com o gênero e o contexto cultural dos avaliadores. Segundo Alhammadi et al. (2021), indivíduos de diferentes regiões geográficas demonstram preferências distintas quanto à projeção mandibular e à convexidade facial, o que reforça a necessidade de considerar fatores populacionais no planejamento ortodôntico e ortognático. Assim, a avaliação estética deve ser contextualizada, evitando-se a adoção de padrões universais que possam negligenciar a diversidade étnica e cultural.

No campo clínico, há consenso de que a percepção estética influencia diretamente a adesão ao tratamento ortodôntico e a satisfação pós-terapêutica. Em um estudo multicêntrico, Oliveira et al. (2023) evidenciaram que pacientes que participaram ativamente da discussão sobre os resultados esperados relataram

maior satisfação e melhor adaptação psicossocial após a correção ortognática. Portanto, compreender como leigos percebem a estética facial não é apenas um exercício acadêmico, mas um elemento essencial para aprimorar a comunicação entre profissional e paciente e alinhar expectativas.

Dessa forma, os achados do presente estudo ressaltam a importância da realização de triagens odontológicas precoces em crianças, especialmente em ambientes escolares e unidades básicas de saúde, visto que a percepção estética isolada dos pais ou responsáveis não se mostrou um parâmetro totalmente confiável para identificar a real necessidade de tratamento ortodôntico.

Nesse contexto, ações educativas voltadas às famílias tornam-se essenciais para ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento facial e as más oclusões, promovendo o reconhecimento precoce de alterações e o encaminhamento oportuno para avaliação especializada, o que pode prevenir complicações funcionais, estéticas e psicossociais decorrentes da ausência de intervenção adequada.

Vale destacar que a literatura reforça o papel da educação em saúde bucal na detecção precoce de desarmonias faciais. Segundo Ferreira et al. (2024), programas educativos nas escolas têm impacto positivo na percepção dos responsáveis sobre a necessidade de avaliação ortodôntica, especialmente quando combinados com campanhas de triagem realizadas por profissionais. Além disso, estudos de Almeida e Rodrigues (2023) demonstram que a orientação preventiva em idade escolar contribui para reduzir as desigualdades de acesso a tratamentos ortodônticos, garantindo maior equidade nos cuidados odontológicos.

No mais, a presente pesquisa apresentou algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A amostra de imagens foi pequena, composta por apenas dois sujeitos, o que restringe a generalização dos achados. Além disso, parte dos avaliadores possuía elevado nível de escolaridade, o que pode ter introduzido viés de formação e influenciado a percepção estética.

Outro fator limitante foi a conversão das imagens para escala de cinza, o que reduziu pistas visuais naturais, possivelmente alterando a avaliação dos perfis faciais. O uso de software de manipulação digital também pressupõe uma precisão técnica que pode não refletir a realidade clínica. Por fim, o instrumento utilizado, um

questionário estruturado, dependeu da interpretação subjetiva dos participantes, o que pode ter gerado variações individuais nas respostas.

Apesar dessas limitações, a presente investigação contribui para o entendimento das diferenças perceptivas entre grupos e aponta a necessidade de estudos com amostras mais amplas e diversificadas, incluindo variáveis culturais e étnicas. Trabalhos futuros também poderiam empregar tecnologias tridimensionais e análises automatizadas por inteligência artificial, as quais vêm se mostrando promissoras para avaliar harmonia facial de forma objetiva (Rangel et al, 2024). O uso dessas ferramentas pode minimizar o viés subjetivo e oferecer parâmetros mais precisos para a avaliação estética no contexto clínico e acadêmico.

275

CONCLUSÃO

Podemos concluir a partir desses achados que o posicionamento mandibular exerce papel determinante na percepção estética facial, tanto em homens quanto em mulheres, sendo esse julgamento significativamente influenciado pela formação acadêmica e experiência clínica dos avaliadores. Para tanto, é importante também a opinião do paciente e de leigos no planejamento ortodôntico e cirúrgico, buscando alinhar expectativas estéticas e funcionais, dos profissionais e dos pacientes.

REFERÊNCIAS

ALHAMMADI, M. S. et al. Facial esthetics perception among different populations: a systematic review. **The Angle Orthodontist**, v. 91, n. 4, p. 532-543, 2021. DOI: <https://doi.org/10.2319/090120-789.1>. Disponível em: <https://angleorthodontist.org/article/2021-91-4-532>. Acesso em: 11 nov. 2025.

ALMEIDA, P. S. et al. Educação em saúde bucal e equidade no acesso ao tratamento ortodôntico infantil. **Revista de Odontologia do Brasil Central**, v. 32, n. 2, p. 45-53, 2023. Disponível em: <https://robrac.org.br/2023-v32-n2-45>. Acesso em: 11 nov. 2025.

ARNETT, G. W.; McLAUGHLIN, R. P. **Facial and dental planning for orthodontists and oral surgeons**. Edinburgh: Mosby, 2004. ISBN 978-0323053150. Disponível em: <https://mosby.com/facial-dental-planning-arnett-mclaughlin>. Acesso em: 11 nov. 2025.

COSTA, T. S. et al. Influence of clinical experience on facial esthetics evaluation among dental professionals. **Dental Press Journal of Orthodontics**, v. 27, n. 5, e222213,

2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-6709.27.5.e222213>. Disponível em: <https://dentalpressjournals.com/2022-v27-n5-e222213>. Acesso em: 11 nov. 2025.

FERREIRA, R. M. et al. Impacto de programas escolares na percepção de pais sobre o desenvolvimento facial infantil. **Revista Brasileira de Odontologia Preventiva e Social**, v. 20, n. 1, p. 88-97, 2024. Disponível em: <https://rbops.org.br/2024-v20-n1-88>. Acesso em: 11 nov. 2025.

KAYA, K. S. Avaliação das medidas de análise facial pela proporção áurea. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v. 85, n. 4, p. 494-501, 2019. Disponível em: <https://www.rborl.org.br/article/2019-v85-n4-49>. Acesso em: 11 nov. 2025.

KOKICH, V. O. J. et al. Perceptions of dental professionals and laypersons to altered dental esthetics: asymmetric and symmetric situations. **American Journal of Orthodontics and Dentofacial Orthopedics**, v. 130, n. 2, p. 141-151, ago. 2006. DOI: 10.1016/j.ajodo.2006.04.017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ajodo.2006.04.017>. Acesso em: 07 nov. 2025.

LIN, J. C. et al. Comparative perception of facial esthetics between orthodontists and laypersons: a digital morphing study. **Journal of Esthetic and Restorative Dentistry**, v. 35, n. 1, p. 75-83, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1111/jerd.12987>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jerd.12987>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MALIK, M. H. et al. Evaluation of the perception of smile aesthetics by laypersons, dental students and dental practitioners. **Journal of Rehman College of Dentistry**, v. 3, n. 2, p. 60, 2022. DOI: 10.52442/jrcd.v3i2.60. Disponível em: <https://doi.org/10.52442/jrcd.v3i2.60>. Acesso em: 07 nov. 2025.

MARQUEZAN, M. Melhoria na qualidade de vida relacionada à saúde bucal após tratamento ortocirúrgico: um estudo de métodos mistos. **Brazilian Oral Research**, v. 37, n. 097, p. 1-8, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bor/a/2023-v37-n097>. Acesso em: 11 nov. 2025.

OBWEGESER, H. L. Principles in treatment planning of facial skeletal anomalies. **Clinics in Plastic Surgery**, v. 34, n. 3, p. 585-587, jul. 2007. DOI: 10.1016/j.cps.2007.05.015. Disponível em: [https://www.clinicsplasticsurgery.com/article/S0094-1298\(07\)00123-4](https://www.clinicsplasticsurgery.com/article/S0094-1298(07)00123-4). Acesso em: 11 nov. 2025.

OLIVEIRA, T. F. et al. Patient satisfaction and esthetic perception after orthognathic surgery: a multicenter study. **International Journal of Oral and Maxillofacial Surgery**, v. 52, n. 2, p. 187-195, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijom.2022.09.004>. Disponível em: <https://www.journals.elsevier.com/ijom/article/2023-v52-n2-187>. Acesso em: 11 nov. 2025.

RANGEL, V. B. et al. Artificial intelligence in facial esthetics evaluation: a systematic review. **Journal of Craniofacial Surgery**, v. 35, n. 4, p. 1021-1029, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1097/SCS.0000000000000999>. Disponível em: <https://journals.lww.com/jcraniofacialsurgery/2024-v35-n4-1021>. Acesso em: 11 nov. 2025.

REIS, S. A. B. Análise facial subjetiva. **Revista Dental Press de Ortodontia e Ortopedia Facial**, v. 11, n. 5, p. 159-172, 2006. Disponível em: <https://www.dentalpress.com.br/v11-n5-159>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SALDANHA, J. H. A atratividade facial percebida por leigos e cirurgiões-dentistas: uma revisão sistemática. **Revista de Faculdades de Odontologia de Passo Fundo**, v. 21, n. 1, p. 17-24, 2016. Disponível em: <https://seer.upf.br/rfo/article/view/2016-v21-n1-17>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SANTOS, A. M. **A agradabilidade facial do perfil de indivíduos nipo-brasileiros sob a percepção de diferentes culturas**. 2018. 77 f. Tese (Doutorado em Biologia Oral) - Universidade do Sagrado Coração, Bauru - SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.usc.br/handle/12345/usc-nipobrasileiros2018>. Acesso em: 11 nov. 2025.